

**O discurso e a prática da disciplina do silêncio na escola:
Paulo Freire e a necessidade de uma virtude**

Giovanna Pinto Gularte

Resumo

O presente trabalho objetiva compartilhar a análise feita quanto ao discurso escolar e a disciplina do silêncio, com base em dados levantados em pesquisa de mestrado. Com aporte e análise a partir dos textos de Paulo Freire que abordam a temática da disciplina, buscou-se as possibilidades de respostas quanto aos conflitos presenciados na escola. Tratar do tema disciplina requer muito diálogo com a escola, requer a quebra de muitos tabus criados ao longo de muitas décadas, requer a adequação do processo ensino/aprendizagem aos tempos atuais, e, fundamentalmente, exige dos docentes flexibilidade, paciência, atualizações constantes e disposição para o diálogo. Paulo Freire nos aponta para a necessidade de uma virtude, a saber, a coerência entre a prática e o discurso. Evocar a coerência na ação disciplinar demanda seriedade e rigorosidade, requer uma intencionalidade educativa.

Palavras-chave: Discurso – Disciplina do Silêncio- Coerência

**The discourse and practice of discipline of silence on school:
Paulo Freire and the necessity of a virtue**

Abstract

The present work has like objective to share the analysis made about the school discourse and the discipline of the silence, based in data collected on the master's degree research. With contribution and analysis from the texts of Paulo Freire addressing the issue of discipline, have been search the possible responses to conflict as witnessed in school. Address the issue discipline requires much dialogue with the school, requires breaking many taboos created over many decades, requires the adaptation of teaching / learning process with the actual times, and, fundamentally, it requires teachers flexibility, patience, constant updates and readiness for dialogue. Paulo Freire points to the need for virtue, namely, the coherence between practice and discourse. Evoke coherence in disciplinary action demands seriousness and rigor, requires an educational intent.

Keywords: Discourse – Discipline of Silence - Coherence

Há um sinal nos tempos, entre outros, que me assusta: a insistência com que, em nome da democracia, da liberdade e da eficácia, se vem asfixiando a própria liberdade e, por extensão, a criatividade e o gosto da aventura do espírito. A liberdade de mover-nos, de arriscar-nos vem sendo submetida a uma certa padronização de fórmulas, de maneiras de ser, em relação às quais somos avaliados (**Paulo Freire**¹)

A escola vive um período turbulento, ou seja, vive um tempo marcado por questionamentos acerca dos comportamentos, das formas de agir e reagir dos sujeitos da educação escolar. Nunca se problematizou e se caracterizou de forma tão intensa a díade disciplina/indisciplina como atualmente. Dialogando com Paulo Freire, desde a epígrafe acima, concordamos com a seguinte idéia: a marca posta à vista é a da inércia e da imobilidade instauradas na escola. Ambas, contrariamente à idéia da democracia e da liberdade, acarretam muitos problemas no cotidiano escolar.

Através do diálogo mantido com professores, constatamos que se acentua uma grande preocupação e também um forte questionamento quanto ao *que fazer* mediante comportamentos considerados inadequados, dentro e fora da escola. Então se pergunta: haverá uma forma padronizada para instituir comportamentos de alunos em sala de aula? Também se questiona: o que é considerado, pelos professores, comportamento adequado ou inadequado para o ambiente escolar?

Na extensão deste trabalho apresentamos a problemática da disciplina/indisciplina, com ênfase à disciplina do silêncio. A saber, a díade disciplina/indisciplina é exposta e tratada numa rica e extensa literatura, desde obras datadas, com maior especificidade, a partir de 1960, como a de Imídeo G. Nérici, *Adolescência: o drama de uma idade*, na qual o autor salienta: “queiramos ou não, o problema da disciplina é preocupação constante da escola e do professor” (NÉRICI, 1960, p. 311).

A literatura existente sobre a temática disciplina/

indisciplina, até então, é direcionada a profissionais que atuam junto à educação, como psicólogos, orientadores, coordenadores pedagógicos, psicopedagogos e professores. São estudos bibliográficos e sistêmicos para aqueles que buscam suporte teórico quando em dúvida que cerca a questão: que disciplina pensar ou que disciplina aplicar com crianças e jovens, como também relatos de pesquisas e estudo de casos para aqueles que procuram respostas práticas para a problemática vivenciada diariamente em sala de aula. Parte dessa literatura contém, em sua organização e produção, a apresentação de muitos relatos de professores, anônimos para nós, que ajudam àqueles que procuram encontrar soluções para a problemática disciplinar. Profissionais da educação expõem aos pesquisadores os seus anseios e as suas frustrações quanto aos comportamentos considerados como desconcertantes e não condizentes com o que é esperado pelos docentes em relação aos discentes.

Alguns escritores imersos na díade disciplina/indisciplina conseguem captar e apresentar de forma detalhada (só serem possíveis através dos relatos dos professores em sala de aula) as características que, segundo os educadores, compoem um quadro dos comportamentos inadequados. A pesquisadora Cíntia Copit Freller, em seu livro *Histórias de Indisciplina Escolar (2001)*, apresenta a leitura do relato de sua pesquisa junto a docentes. Nesse trabalho, a autora consegue, por meio de registro minucioso, a descrição do que é, para alguns professores, um comportamento considerado indisciplinado. Segundo a autora, a indisciplina para os docentes que participaram de sua pesquisa é vista como o “[...] movimentar-se, gritar, falar alto, não fazer a tarefa, conversar, imitar animais, responder ao adulto [...]” (FRELLER, 2001, p.60).

Assim, descortinam-se algumas formas do que a autora entende como a “*inteligibilidade das condutas*”, uma categoria tratada pela mesma e também sintetizada como a *descrição do que são considerados pelos professores como comportamentos inadequados*. (FRELLER, 2001).

A indisciplina, analisada particularmente por alguns estudos exploratórios, como o de Maria Estrela e Celso dos Santos Vasconcellos, passa a

ser considerada como um fenômeno, pois tem como característica preponderante que é a variabilidade, o que motiva a indagações sobre o que seja possível instigar ou causar sua reação. E, tal como um fenômeno, sua manifestação é ocasional, sem medida e compreensão exata por parte daqueles que lidam diretamente com ele na sala de aula e na escola.

Segundo Maria Estrela, sabe-se que a indisciplina caracteriza-se pela desordem e desregramento, mas o interessante é que mesmo sabendo disso existe uma agitação ruidosa por parte dos docentes e do coletivo profissional da educação. (ESTRELA, 2002). Tal fenômeno é apontado, ainda, pelos professores, como um dos fatores que em muito prejudica a aprendizagem e, conseqüentemente, a formação dos sujeitos. Roberto Giancaterino, em seu livro *Escola, Professor, Aluno: Os Participantes do Processo Educativo*, afirma que “[...] a indisciplina em sala de aula e na escola tem sido uma preocupação crescente nos últimos anos entre os educadores.” (GIANCATERINO, 2007, p.87).

Assim, a caracterizada indisciplina requer uma profunda discussão com aqueles que de certa forma tentam promover a disciplina e ao mesmo tempo observam a manifestação da indisciplina, buscando desvelar possíveis ações que antecedem o fenômeno. Para isso, é preciso que se faça a análise dos saberes e os confrontem com as práticas docentes.

Mas, contudo, não podemos esquecer que a disciplina foi historicamente administrada. Com rigor. Em cada tempo, ela comparece como instrumento de uso apropriado por instituições como a religiosa, a familiar, a laboral (trabalho) e a do Estado, centralmente sempre através do conjunto militar e escolar. A primeira instituição citada anteriormente, a religiosa, soube forjar mecanismos disciplinares eficazes (WEBER, 2002). Já a última, a escola, organizou sua disciplina mediante a necessidade que lhe era designada (FOUCAULT, 2007).

Vejam os a seguir, um breve esboço dos estudos de Max Weber a respeito do conceito e caracterização da disciplina que se destacou na modernidade, a fim de compreendermos um pouco mais a disciplina religiosa e sua possível influência sobre o que hoje pensamos e aplicamos na escola.

A disciplina do silêncio e o discurso escolar: conceitos e forças

Max Weber em sua obra “Ensaio de Sociologia” dedica um capítulo inteiro à disciplina de modo a contemplar a mesma do geral ao particular, do seu conteúdo aos indivíduos submetidos a ela. O autor conceitua a disciplina como uma força de poderes acessados da tradição ou da socialização que conseguem dissipar até mesmo o *carisma*². Ele tipifica a disciplina na modernidade como uma *disciplina racional*³ uma modalidade de disciplina que faz com que seja decrescente a importância da ação individual. Na obra citada, no Capítulo X. com o título: O Significado da Disciplina na Modernidade, Max Weber afirma que: “E de todas as forças que diminuem a importância da ação individual a mais irresistível é a disciplina racional.” (WEBER, 2002, p.177).

Max Weber nos ajuda então a compreender que a disciplina é uma força, que quando bem administrada, age nos indivíduos. De forma que, através de sua ação, o comportamento se torna contido, ou seja, efetiva-se a ação desejável conforme a idéia de quem dispõe do uso da disciplina. Mas não será eficiente se esquecer a objetividade e adequação de instrumentos, estes são necessários para que a disciplina potencialize seu poder. Assim, podemos dizer que a disciplina faz resistência na sua efetivação, ela decresce a ação individual retirando seu valor, sua importância.

Max Weber salienta que a disciplina possui um teor prescrito que ele, claramente, especifica como o conteúdo, conforme citação a seguir:

O conteúdo da disciplina é apenas a execução da ordem recebida, coerentemente racionalizada, metodicamente treinada, e exata, na qual toda crítica pessoal é incondicionalmente eliminada e o agente se torna um mecanismo preparado exclusivamente à realização da ordem. (WEBER, 2002, p.177).

Então, se o conteúdo é primeiramente “apenas a execução da ordem recebida”, o que se segue no

trecho da citação acima são as ações que necessitam perpassar o intelecto e o subjetivo de cada indivíduo. A disciplina racional, além de agir na disposição ou força dos indivíduos, também os prepara através de seu treino, de sua repetição exata, neutraliza as forças do agente indivíduo chegando ao produto final, ou seja, faz com que o indivíduo realize uma ordem recebida com obediência vista. Mas é importante destacar, conforme o autor, que:

Além disso, tal comportamento em relação às ordens é uniforme. Sua qualidade como ação comunal de uma organização de massa condiciona os efeitos específicos dessa uniformidade. [...] Para a disciplina, é decisivo que a obediência de uma pluralidade de homens seja racionalmente uniforme. (WEBER, 2002, p.177).

Mas a que organização de massa⁴ a disciplina melhor se aplica? Max Weber destaca algumas qualidades da disciplina, entre elas a de ser impessoal. E, além disso, nas próprias palavras de Max Weber, “Infalivelmente neutra, ela se coloca à disposição de qualquer força que pretenda seus serviços e saiba como promovê-los.” (WEBER, 2002, p.178). A disciplina, então, pode ser compreendida como um mecanismo multiforme que assume a forma ou força necessária mediante a uma estrutura que saiba promover a organização de massa devida.

Max Weber ao apresentar algumas qualidades que concede à disciplina racional, como a de ser impessoal e de ter uso multiforme, verificou também a aplicação da disciplina e seus efeitos nos indivíduos. Ele afirmou que sobre sua aplicação nos homens [...] a disciplina coloca o hábito à habilidade rotineira. Na medida em que a disciplina apela para motivos firmes de um caráter ‘ético’, pressupõe um ‘senso de dever’ e ‘consciência’.”(WEBER, 2002, p.178).

Assim, entendemos que a disciplina quando é bem organizada e mecanizada sobre os indivíduos, através de estímulos psicológicos, faz com que os indivíduos forçosamente, ou seja, pela força do

sentido da disciplina, integre-se ao todo que é o fim da disciplina aplicada.

Podemos, então, perceber uma disciplina sendo aplicada quando é exigida uma dedicação por uma causa comum ou pelo desejo de um êxito pretendido, por qualquer que seja o elemento final.

A disciplina, historicamente, foi utilizada por forças de comando de massa das mais diversas. A disciplina foi e ainda é aplicada na massa militar, na massa religiosa, na massa operária, na massa religiosa e outros espaços como hospitais e serviços de produção intelectual, como escolas. Segundo os estudos de Max Weber, a disciplina tem um caráter objetivo. Mas ter esse caráter, não quer dizer que o elemento final precise ser, necessariamente, desejado por todo indivíduo de uma massa.

A disciplina coloca os indivíduos em seus lugares e os obriga a continuar. (WEBER, 2002). Um exemplo disso pode ser imaginado como uma cena descrita como a de homens em um barco remando em fileiras distintas, uma fileira após outra tem em sua organização mecânica a responsabilidade de impulsionar o movimento e mantê-lo para que outros sistematicamente o continuem, isto é, remar para chegar a algum lugar. Cada um faz parte de um todo, do desencadeamento da ação que necessariamente não pode parar. Mas, todo o ritmo pode ser quebrado, e se o é isso implica na necessidade de voltar-se ao início da força para a potência plena do conjunto, causando o desgaste, e esforço maior, quebrar a ação, então logicamente é melhor ser contínuo o impulso. Para Max Weber isso é integrar, sentir que é parte e “Essa integração é um forte elemento de toda a disciplina, [...]”. (WEBER, 2002, p.178).

Uma forma poderosa de disciplina na modernidade, descrita por Max Weber e que se percebeu como uma força disciplinar a partir de nossa análise do discurso religioso é *a disciplina do silêncio*. Esse ato de silenciar ou calar constituía-se num ato de contemplação e audição da vontade e do domínio de Deus em sua vida. O que era esperado, ao ficar calado e em espera perseverante, é que assim Deus se manifestaria. Uma ação disciplinar cautelosa, para que os sujeitos não fossem apressados ou aludidos pelo seu próprio falar, e a implicação de que não

fosse tardio ao falar ocasionasse situações constrangedoras ou inapropriadas para um temente a Deus. Por esta espera comunicativa Max Weber descreveu o pensamento que justificava:

[...] por isso ele deve calar-se, a fim de criar na alma silêncio profundo [...] passou a ter claramente o sentido do educar para uma ponderação serena da ação, orientada por um cuidadoso exame de consciência individual [...] (WEBER, 2004, p.135).

O discurso religioso fomentou ferramentas disciplinares pautadas nas ideias de aprovação e santificação, o *silêncio* se tornou o produto do mandamento e ameaça bíblica de punir toda a palavra vã. (WEBER, 2004, p. 249). Era, por isso, desejável o *silêncio* por parte dos indivíduos e devido ao poder de introspecção que tal atitude proporcionava ao se calar, pois o homem evitava o escândalo. Entre os motivos de escândalo, entre eles o de maior preocupação era o financeiro.

O silêncio era preferível em vez da “conversa mole”(2004,p.249), visto que esta ultima era o sinal de ócio e de perda de tempo o mais grave dos pecados. Tal ferramenta disciplinar foi considerada por Max Weber como “[...] um comprovado meio ascético de educação ao controle de si,[...]”. (2004, p.249).

Mas, entre todas as instituições, incluindo também a privada no processo de trabalho laboral, ocorreram trocas de saberes, chegando assim à observação e à instalação de modelos disciplinares de umas nas outras (ESTRELA, 2002). Por essa constatação, não se pode descartar a ideia da existência de possíveis prolongamentos do modelo disciplinar imposto pela religião, em um determinado tempo, até para a disciplina escolar atual. Um desses prolongamentos, que se observa com maior expressão e rigor na escola, é a disciplina do silêncio⁵. O que se observou foi que esta disciplina também causa reações diferentes para os dois sujeitos envolvidos no processo, a saber: professor e aluno.

Tendo como base os entendimentos acima apontados, no âmbito do presente trabalho, focalizaremos

a seguir os saberes e as práticas de professores quanto à disciplina do silêncio, problematizando com Paulo Freire, a necessária aproximação entre ação e discurso.

Paulo Freire: Reflexões que cercam a disciplina em sua relação com a ação e o discurso

Este esforço, o de diminuir a distância entre o discurso e a prática, é já uma dessas Virtudes indispensáveis – a coerência. (FREIRE, 1997, p.72).

A partir de investigação feita junto a uma escola pública, pode-se encontrar, na fala de sujeitos educativos, resquícios do discurso religioso na modernidade. Entre as diversas ações disciplinares observou-se as seguintes: a necessidade de estabelecimento de horários e o seu controle; a suspensão, a exclusão e a privação; o movimento controlado e o respeito à hierarquia. Mas, sem dúvida, a prática do silêncio foi a que na pesquisa, com maior vigor apresentou-se introyetada e evocada nos saberes e práticas docentes registrados e observados.

Chamamos então a atenção para o discurso e para a prática docente, apontando para a necessidade de uma virtude: a coerência, que diminui a distância entre ambos. O discurso, que tratamos como um saber docente organizado e intencionalmente assumido, e a prática, reconhecida como parte da ação educativa, são indissociáveis.

Os temas acima elencados foram cuidadosamente tratados por Paulo Freire em sua biobibliografia. Diminuir a distância entre discurso e prática tem sido uma problemática destacadamente evidenciada e discutida por pesquisadores e educadores. Segundo Freire, “*A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablá e a prática, ativismo.*” (FREIRE, 1997, p.24). Paulo Freire caminha conosco no reconhecimento da necessidade da coerência, uma virtude, e da reflexão crítica, a fim de que a incoerência não seja o produto da docência.

Os textos que poderiam nos orientar na problematização desta questão são: Educação e mudança (1979), Professora sim tia não (2000), Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa (1997), e outros. Mas, escolheu-se *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, por abordar diretamente sobre o *silêncio* no espaço educativo.

Então, junto a Paulo Freire se problematiza com o auxílio de parte do foi percebido e registrado na escola do processo já citado. Dos registrados durante a realização da pesquisa, alguns se apresentaram como o contraponto entre ação e discurso. Escolheu dois, os quais servirão de guia na condução da problematização junto a Paulo Freire. Para isso, destaca-se, o primeiro registro que tem a referência do saber docente da escola investigada, o qual nos diz “[...] enquanto uns estão em sala de aula outros estão descendo ou subindo, sem controle da escada... do sobe e desce... é muito barulho quem é que pode estudar assim.” (GULARTE, 2009, p.88)

O saber docente, apresentado no parágrafo anterior, diz que o controle da escada é preciso para que o barulho venha a sofrer interferência que se aproxime ao silêncio. Assim os alunos seguem uma regulação feita pelo controle docente e de profissionais da educação que indicam aos indivíduos seus lugares e modos de agir. Notou-se ainda, que a ação disciplinadora apresentava um produto final de quase 100% de efeito sobre os alunos.

O segundo registro ocorreu durante um período de observação em determinado dia, no interior da escola em horário de aula. A partir dele descobriu-se que nos corredores, mesmo com todo o rigor disciplinar de controle e de desmobilização, encontravam-se furtivamente alguns alunos conversando num cochicho, esse foi o registro de um momento de fuga. Mas, logo após o registro desse escape, uma professora encarregada da vigilância dispersa os alunos e encaminhá-los a sala de aula.

O saber docente compõe um discurso de controle da circulação que deve ser feita sobre o alunado. Os responsáveis pela disciplina na escola investigada encaminham os alunos para sala usando um volume de voz maior do que o usado pelos alunos. Quanto

ao saber docente sobre a vigilância e controle, são atrelados ao processo de ensino e aprendizagem, com outras palavras, o silêncio para este discurso é necessário porquanto é propiciador do processo já citado, mas somente por parte dos alunos.

Embasando-se em Paulo Freire, alertamos para esses saberes e práticas que “*a autoridade coerentemente democrática está convicta de que a disciplina verdadeira não existe na estagnação, no silêncio dos silenciados, mas no alvoroço dos inquietos, na dúvida que instiga, na esperança que desperta.*” (FREIRE, 1997, p.104), ou seja, os problemas de disciplina/indisciplina apresentados na atualidade, na escola, podem estar correspondendo às formalizações de disciplina que a própria escola, na figura dos docentes, têm admitido.

Analisamos ainda que as ações que limitam ou restringem ações e atitudes, são contrariadas através da fuga. A fuga é um instrumento de exercício dos limites para a liberdade. Como afirma Sacristán (2000), “se os interesses dos educados não encontrar reflexo na cultura escolar, eles apresentarão resistência, que se manifestará por meio da desmotivação, indisciplina, confronto, recusa, **fuga** ao que está sendo proposto (SACRISTÁN, 2000, p. 30 – destaque nosso).

Assim, a fuga dos alunos é aquela que continua a comprovar que não pode existir liberdade sem a prova de arriscar-se. Arriscar-se, aqui, é estar em espaços que permitem o exercício de fazer-se livres. Tudo isso analisado, foi já percebido por Paulo Freire e ele nos ajuda a afirmar que “*o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações.*” (FREIRE, 1997, p.104)

E, quanto à *responsabilidade de suas ações*, vemos a total inabilidade, na atualidade, dos alunos em lidar com algum momento de liberdade em que o controle de seus movimentos não vigora. Em um dos registros da pesquisa, relato de uma das reuniões convocadas, encontramos um caso de uma liberdade inapta. Destacamos um trecho do diário Relato de um Pai 04/08/2007, em que é relatado o tratado em uma reunião com pais. O pai que nos relatou a reunião na Escola Helena Small, diz-nos

que a direção começa descrevendo um fato ocorrido dentro da escola com as seguintes palavras:

Os pais precisam rever os limites de seus filhos em casa, para eles compreenderem os da escola. Na segunda-feira um aluno agrediu outro em sala de aula, após uma discussão na saída para intervalo. Ele pegou um colega pelo pescoço e “prensou” sua cabeça na porta machucando-o levando ao desmaio e hematomas posteriores. Ambos, foram chamados na sala da diretora e se negaram a falar do ocorrido, chegaram a dizer que não acontecera nada – como lei do silêncio – porém, já era sabido o fato por nós e também o alvoroço que causou, pois alunas desceram do segundo piso gritando, professoras que estavam saindo da sala mandaram chamar ajuda. Soubemos que uma aluna tirou foto e pedimos que nos mostrasse as fotos para que pudéssemos realmente abrir o silêncio sobre o fato. (GULARTE, 2009, p.91)

O ocorrido está para além da indisciplina, ele pode ser declarado como violência escolar, mas queremos destacar a ação coletiva que institui, no caso, a regra “lei do silêncio”. Muitas outras categorias de análise também são visíveis nesse trecho. Porém, focamos o silêncio feito pelos alunos frente ao problema que evidencia a falta de *responsabilidades das ações*. Surge a negação, uma forma de ocasionar o silêncio fechado entre os indivíduos, que se torna uma lei, uma regra para os que do espaço compartilham.

O mais sofrível apresentado é que as práticas e os saberes da escola participante do processo de investigação, produziram um discurso que preza o silêncio. Mas, em contrapartida, esse discurso é intencionalmente reproduzido com distorções pelos alunos e isso pode se dar devido a uma inabilidade em administrar a liberdade, como o ocorrido quando, fora do controle, encontraram-se.

A escola, por seu discurso, sofre com as consequências do que ela mesma propiciou, ou seja, um *espaço silenciado*. Entendemos, assim, como Paulo Freire também, que os saberes e práticas autoritárias são aqueles que conferem a posição de donos da verdade, não conseguem dar lugar a liberdade das falas, um exercício que conduz a responsabilidade das ações, e por isso quando ocorre algo como o relatado, “*sua fala, [...] se dá num espaço silenciado e não num espaço com ou em silêncio.*” (FREIRE, 1997, p132).

O discurso escolar, ainda que fale incessantemente a respeito da escola como espaço democrático, necessita rever em seus saberes e práticas aquilo que propicia, desfavoravelmente, à disciplina que preza e zela. A escola preza e zela a disciplina porquanto mantém regras, estabelece ordenamento das ações em seu espaço e mesmo assim os problemas disciplinares se agravam a cada dia.

Entre os registros dos diários encontramos outro fato que nos remete a inconstância do silenciar e do silenciamento no discurso escolar. O relato nos descreve que:

Um aluno em ato de euforia, imitando outros alunos, pulou sob a escada de emergência da escola e teve um acidente sério. O aluno batendo com a cabeça na parte inferior do degrau de ferro, cortou-se na cabeça, na região acima da testa, em seu couro cabeludo. [...] O local onde estavam os alunos, embaixo da escada de emergência - externa, é um local proibido aos alunos. [...] Foi pedido que os limites que a escola estabelece sejam entendidos pelos alunos com a ajuda dos pais. Desta vez, os alunos chamados, tiveram oportunidade de falar sobre o ocorrido e fazerem suas defesas. Mas, mesmo assim, a direção achou necessário chamar os pais dos envolvidos. [...] não cabe a escola dar limites e comportamento se sempre desculpamos o que fazem sem chamá-los a um comportamento responsável

que não coloque a eles e aos outros em perigo. (GULARTE, 2009, p.92)

Na fala citada anteriormente, percebemos a quebra do silêncio como aquela concedida aos alunos, segundo a disposição dos saberes e das práticas docentes. Caminhando junto a Paulo Freire, podemos ver que verazmente, no processo de fala e da escuta, “*a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um ‘sine qua’ da comunicação dialógica.*” (FREIRE, 1997, p.131) O silêncio, nesse processo de comunicação, é aquele que dá ao indivíduo o “*time*” da reflexão, da organização de seu pensamento, da procedência capacitada porque já calculou o que pode, o que necessita e o que deve fazer. Esse imperativo categórico kantiano tão bem tratado por Paulo Freire, encontra sua possibilidade no que é proposto e propiciado pela comunicação dialógica. Para o discurso escolar, em questão, a oportunidade de ouvir aqueles alunos, permitindo-os saírem do silêncio, serviu apenas para reforçar a idéia de que os alunos precisam ter um comportamento responsável.

Porém, o resultado da permissão de sair do silêncio, na comunicação entre sujeito e objeto, professor e aluno, é os comunicados feitos. A possibilidade de existir diálogo é nula. O que a comunicação feita resultou, evidencia-se na mostra do retorno dos alunos às mesmas ações não havendo mudanças em suas atitudes, observado no espaço escolar.

Conclusão

Nosso trabalho investigativo e nossa atuação na educação nos capacitaram à analisar a disciplina/indisciplina, as ações e reações que esta dáde nos fazem na atualidade a interpelar a escola e as reações de fuga em seu interior, de silenciamentos e de diálogos necessários.

Percebemos que, segundo a análise apresentada neste artigo, no discurso escolar atual se preserva e vigora, através dos saberes e práticas docentes, um conjunto de normativas no qual o silêncio evocado pelo discurso escolar atual se impõe aos indivíduos.

Também, um conjunto de normativas semelhantes ao do discurso religioso na modernidade, porém, o silêncio evocado pelo discurso escolar atual se impõe aos indivíduos como premissa básica para a disposição à aprendizagem, posta como necessária para o indivíduo e o coletivo.

Percebe-se porém, que os problemas de disciplina/indisciplina apresentados na atualidade, na escola, podem estar correspondendo às formalizações de disciplina que a escola vem promovendo sem observar a raiz fixada na modernidade que por nosso escrutínio científico⁶ verifica-se e ressalta-se seu vigor introjetado nos saberes e práticas de professores.

Mas, é preciso retomar a questão do que a distância entre a prática e o discurso tem propiciado na escola. Visivelmente, a contradição entre o saber e as práticas disciplinares causam conflitos e ranços no espaço escolar. Paulo Freire nos direciona a rever a necessidade de uma virtude, ou seja, exercitar o domínio da coerência entre saberes e práticas. Por isso percebemos que viver a experiência da tensão entre estes, na disposição de uma ação disciplinar como o silêncio, não é fácil. Evocar a coerência na ação disciplinar demanda seriedade e rigorosidade, requer uma intencionalidade educativa. Enfim, nas palavras de Paulo Freire reafirmamos:

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos. (FREIRE, 2000, p. 67).

Notas

¹ PAULO FREIRE. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.128-129.

² Max Weber definiu o *Carisma* como uma qualidade extraordinária constante em determinados indivíduos. Nestes, a qualidade se constitui na virtude, um dom pessoal, que é considerada possível pela posse de

forças sobrenaturais ou sobre-humanas, mas que não são acessíveis a todo indivíduo. (WEBER, 2002).

- ³ Max Weber considera que uma ação é racional quando cumpre nela mesma duas condições essenciais. A primeira condição para uma ação ser racional é aquela que tem orientação a um objetivo que foi formulado de forma clara. A segunda condição para uma ação ser racional é quando os meios escolhidos para se atingir o objetivo são os mais adequados. (WEBER, 2002, 2004).
- ⁴ Max Weber qualifica uma organização de massa como um grupo de indivíduos coligados numa mesma situação, como exemplo: o povo, o exército, adeptos de uma seita e outros citados em sua obra “*A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo*”. Esclarece-se que o conceito de massa não será tratado com maior detalhamento nesta dissertação. (WEBER, 2004).
- ⁵ Em pesquisa realizada em uma escola da rede municipal de educação da cidade de Rio Grande/RS, nos anos de 2007 e 2008, sob o título: Discurso Religioso e Discurso Escolar produzindo disciplina na Escola: Diálogos com saberes e práticas de professores (Dissertação – Mestrado / Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPel, . 2009. 99f. Orientado pelo Prof. Gomercindo Ghiggi), constatou-se a existência na atualidade de resquícios do discurso religioso na modernidade no discurso escolar atual, com maior vigor a disciplina do silêncio.
- ⁶ Pesquisa realizada em 2007-2009, tema da dissertação d e mestrado já citada em nota de rodapé.

Referências Bibliográficas

- ESTRELA, M.T. **Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula**. Porto: Porto Editora, 2002.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- FRELLER, C.C. **Histórias de Indisciplina Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- GIANCATERINO, R. **Escola, Professor, Aluno: Os Participantes do Processo Educacional**. São Paulo: Madras, 2007.
- GULARTE, G.P. **Discurso religioso e discurso escolar produzindo disciplina na escola: diálogos com saberes e práticas de professores**. 2009, 99f. Dissertação Mestrado em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul.
- NÉRECI, I.G. **Adolescência: O Drama de uma Idade**. Brasil: Editora Fundo de Cultura, 1960.
- SACRISTÁN, J. G. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro, RJ: LTC Editora, 2002.
- _____. **A Ética Protestante e o “Espírito” Capitalista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Sobre a autora:

Giovanna Pinto Gularte: Pedagoga; educadora da Rede Municipal de Educação da cidade do Rio Grande / RS; Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

E-mail: giovannagularte@yahoo.com.br